Filol. linguíst. port., n. 14(1), p. 7-36, 2012.

De Magia (*Ms. Laud Or. 282*, Bodleian Library): representação grafemática e transcrição

Aléxia Teles Duchowny[1]

Resumo: Este trabalho analisa a escrita do códice *De magia (Ms. Laud Oriental 282, Bodleian Library)*, guia astrológico aljamiado em língua portuguesa e caracteres hebraicos, datado do século 15. Além de feita a classificação da escrita, analisa-se a representação grafemática do manuscrito – grafemas simples, em nexo, dígrafos e trígrafos, sinais diacríticos, de valor numérico, de pontuação, de correção e anulação – e propõe-se um sistema de transcrição coerente e detalhado dos grafemas hebraicos em latinos.

Palavras-chave: Aljamia; Crítica Textual; Grafemática; Manuscrito; Português Arcaico; Sistema de Escrita.

INTRODUÇÃO

De magia (*Ms. Laud Oriental, 282*), códice encontrado na Bodleian Library, em Oxford, Inglaterra, é um exemplo da complexidade que envolve os manuscritos medievais em língua portuguesa, em especial aqueles em caracteres hebraicos. Trata-se de um guia astrológico em prosa, em português arcaico do século 15, composto de 416 fólios em papel.[2] Apenas a parte feita pelo primeiro punho, que vai até o fólio 84*v*, será analisada, tendo-se como base a transcrição de Duchowny (2007).

---

[1] Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Agradecimentos à Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa-sanduíche na Hebrew University of Jerusalem, em 2007. E-mail: alexiateles@letras.ufmg.br

[2] Para uma contextualização histórico-cultural de manuscritos medievais judaicos em geral, ver Duchowny (2010a). Para uma descrição codicológica do *De magia*, ver Duchowny (2010b).

FLP 14 (1).indd 7 07/11/2012 15:04:25

Propõe-se, neste artigo, uma investigação sobre a escrita aljamiada em geral e sobre o sistema grafématico do códice, entendendo-se a grafemática como o estudo linguístico dos sistemas de escrita baseado na descrição de seus elementos e nas regras das possíveis combinações desses elementos (Coulmas, 1999). Assim, após a conceituação de "aljamia", a escrita será classificada e os grafemas serão organizados e analisados na seguinte ordem: grafemas simples, dígrafos, trígrafos, sinais diacríticos e numéricos. Também recebem atenção os sinais de pontuação e os de correção/anulação. Espera-se trazer novos elementos para a discussão acerca da relação entre fonologia e grafemática não só dos textos aljamiados em língua portuguesa, mas de toda língua com sistema de escrita.

Caracterizar e identificar as diferenças entre os vários tipos de escrita não é, entretanto, tarefa simples, porque envolve os mais variados aspectos (morfológicos, estilísticos, entre tantos outros). Segundo Beit-Arié (1972: 46), os livros judaicos medievais eram produto de um escriba profissional ou de um homem culto que copiava o manuscrito para uso pessoal, ao contrário dos livros cristãos, elaborados nos *scriptoria*. O mesmo autor completa:

> we have no information about any kind of institutional copying and production of Mss. These facts, together with other historical conditions, explain the absence of an established typology of medieval Hebrew book-scripts until now, and challenge us not only to search for synchronic and diachronic typology, but also to try to discover non-institutional centers of copying, schools and local traditions, and to clarify the ways in which Hebrew texts were transmitted during the Middle Ages.[3]

Ademais, não se pode ignorar que a manutenção das formas da escrita em caracteres hebraicos, ao longo da história dos judeus, foi frequentemente interrompida pela instabilidade dos indivíduos e das comunidades. A expulsão frequente de comunidades ou populações inteiras, por um lado, e o vagar dos

[3] Tradução nossa: "Não temos qualquer informação sobre qualquer tipo de cópia e produção de textos institucionais. Estes fatos, juntos com outras condições históricas, explicam a ausência de uma tipologia estabelecida da escrita dos livros judaicos medievais até agora, e nos desafia não somente a buscar por uma tipologia diacrônica e sincrônica, mas também para tentar descobrir centros de cópia não institucionais, escolas e tradições locais, e esclarecer os modos como os textos judaicos foram transmitidos durante a Idade Média".

FLP 14 (1).indd 8 07/11/2012 15:04:25

indivíduos por outro, trouxe influências e misturas que obscurecem a identificação das marcas dos diferentes tipos de escrita (Beit-Arié, 1972). Bernheimer (1924) também chama a atenção para a inegável influência das escritas não hebraicas das várias regiões sobre a respectiva hebraica e também para a influência de algumas escritas arábicas e da arte decorativa hispano-mourisca sobre os caracteres semicursivos e cursivos espanhóis.

1. A ESCRITA DO *DE MAGIA*

De acordo com Minervini (1992: 12), a prática da escrita entre os judeus, na Europa Medieval, era relativamente difusa, graças a um sistema de ensino que permitia pelo menos os rudimentos do hebraico, para uso religioso.

Inicialmente, garante Lopes (1897: xii), a palavra *aljamia* era empregada pelos árabes a toda língua que não fosse a sua: para os muçulmanos que viviam na Península Ibérica, os dialetos peninsulares eram *aljamias*. A primeira atestação do termo é de 1348, no poema de Afonso XI: "Bos escudero / sabedes bien la aravía / sodes bien verdadero / de tornarla em aljamía" (Minervini, 1992: 17). No dicionário da Real Academia Española (1992), existem as seguintes definições para o termo: "1. Nombre que daban los moros a las lenguas de los cristianos peninsulares; 2. Textos moriscos en romance, pero transcritos con caracteres árabes; 3. Por extensión, *texto judeo-español transcrito con caracteres hebreos*"[4] (grifo nosso). Houaiss; Villar; Franco (2001: 160) relacionam o termo apenas com o árabe. Escolar (1993: 151) a define como "la transcripción en caracteres hebreos, ya sea del árabe, del castellano o de otra lengua, costumbre universal de la diáspora judía".[5] O *De magia* é, então, um texto aljamiado por estar em língua portuguesa e em caracteres hebraicos. Sua leitura deve ser feita da direita para a esquerda, como nos textos hebraicos. Segundo Sirat (2002) e a *Enciclopedia Judaica Castellana* (1950: 270), textos em romances, porém transcritos com caracteres hebraicos, não são incomuns:

---

4 Tradução nossa: "1. Nome que davam os mouros às línguas dos cristãos peninsulares; 2. Textos mouriscos em romance, porém transcritos com caracteres árabes; 3. Por extensão, *texto judeu-espanhol transcrito com caracteres hebraicos*".

5 Tradução nossa: "A transcrição em caracteres hebraicos, seja do árabe, do castelhano ou de outra língua, costume universal da diáspora judaica".

> Muchos manuscritos con caracteres hebreos no están escritos en ese idioma, sino en vernáculo o en el idioma del país. Actualmente se escriben el ladino y el idish con caracteres hebreos, pero hay textos en arameo, árabe, persa, griego, latín, italiano, francés, español, portugués, inglés, turco, tártaro, y otros idiomas.[6]

Minervini (1992) também confirma que a "contaminação" de sistemas de escrita diferentes uns dos outros não é exclusiva dos judeus: há tanto textos em escrita árabe e língua românica quanto escrita tibetana em língua chinesa.

É importante tentar entender a razão pela qual um texto em português se encontra em caracteres hebraicos. Uma hipótese é que se desejava que o seu conteúdo não fosse conhecido pelos não judeus. É evidente que o entendimento do texto acaba ficando extremamente restrito dessa forma, pois apenas os alfabetizados em hebraico teriam acesso às informações ali contidas. Um texto em caracteres hebraicos poderia ter grande importância nas mãos de um astrólogo judeu no século XV, dando-lhe poder até sobre os reis. Um outro fator poderia ser o do uso do hebraico como um ato de resistência em relação ao hostil ambiente cristão, funcionando como símbolo de identidade étnica e cultural judaica. Para Hegyi (1981: 92), o nascimento das aljamias se dá pelo desejo de as comunidades minoritárias[7] salvarem a memória de seu passado linguístico e expressarem sua própria individualidade. Outra razão poderia ser a seguinte: sendo frequente o aprendizado pelo menos dos rudimentos do hebraico por uma boa parte dos judeus do sexo masculino (para a manutenção e divulgação das palavras de Deus), pode-se supor que o alfabeto hebraico pudesse ser usado também pela familiaridade que os judeus homens tinham com ele, fazendo-os entender o texto com mais fluência. Como afirma Minervini (1992: 13),

> Quando si tratta di mettere per iscritto non la lingua sacra [...] ma la lingua d'uso [...], sembra naturale continuare servirsi dell'alfabeto ebraico. Questo non vuol dire che l'alfabeto latino sia sconosciuto in ambito ebraico, poiché molti, funzionari, commercianti, artigiani, intellettuali, ne

---

6 Tradução nossa: "Muitos manuscritos em caracteres hebraicos não estão escritos nesse idioma, mas sim no vernáculo ou no idioma do país. Atualmente, o ladino e o ídiche são escritos em caracteres hebraicos, mas há textos em aramaico, árabe, persa, grego, latim, italiano, francês, espanhol, português, inglês, turco, tártaro e em outras línguas".

7 O autor se refere às comunidades judaicas e as árabes da Espanha medieval, que se assemelhavam bastante com as portuguesas.

> fanno costantemente uso; e la stessa lingua latina non è del tutto ignota agli Ebrei, anche se fra di essi non è chiamata a svolgere la funzione di prestigioso superstrato linguistico tipica del mondo cristiano.[8]

Até a Segunda Guerra Mundial, a despeito da existência do alfabeto latino de domínio de todos, os judeus europeus utilizavam com frequência os caracteres hebraicos em textos escritos a mão e impressos, mesmo para representar línguas românicas. Isso porque, como lembra Kohring (1991: 133) "na Idade Média ler e escrever eram prerrogativas do clero (cristão e islâmico): para os judeus europeus – os sefarditas e os asquenazitas – os caracteres latinos tinham simplesmente uma conotação muito forte para que se tivesse vontade de empregá-los".

Para o uso do alfabeto hebraico em línguas românicas, fez-se uso de dois processos para a representação das vogais, usualmente inexistentes na escrita hebraica. No processo de vocalização linear, um grafema pode representar não só consoantes, mas também vogais. Uma análise inicial do sistema empregado pelo tradutor de *De magia*, que não difere das aljamias em romances da Península Ibérica, indica que um mesmo grafema pode representar mais de um fonema. Exemplos: *vav*[9] < ו > representa / o, u , v/; *yud* < י > representa /i, e, y/. Infere-se que se o leitor do texto aljamiado não for usuário nativo da língua ou se não a conhecer bem, terá grandes dificuldades de compreensão.

No outro processo, o da vocalização infralinear ou pontual, toda vogal da escrita quadrada hebraica tem uma representação através de pontos colocados abaixo ou acima da consoante. Esse sistema foi usado temporariamente pelos judeus ibéricos, principalmente nas traduções literais de textos sagrados, que tinham como resultado textos em ladino, na Espanha. Apesar de a vocalização infralinear reproduzir as vogais das línguas ibéricas sem ambiguidades, ela não se impôs de modo generalizado, como em romances e jornais. As razões

---

8 Tradução nossa: "Quando se trata de colocar por escrito não a língua sagrada, mas, sim, a língua de uso, parece natural continuar a se servir do alfabeto hebraico. Isso não quer dizer que o alfabeto latino seja desconhecido no âmbito judaico, já que muitos, empregados, comerciantes, artesãos, intelectuais, faziam uso constante dele; e essa mesma língua latina não é desconhecida pelos judeus, mesmo que entre eles não seja usada para desenvolver a função de prestigioso superstrato linguístico, típica do mundo cristão.".

9 Berezin (1995) foi a referência para os nomes dados às letras hebraicas. No entanto, houve algumas pequenas alterações na grafia.

poderiam ser não apenas a dificuldade técnica da transcrição dos pontinhos, mas principalmente o fato de em hebraico esse processo ser restrito aos textos sagrados (Kohring, 1991: 114). Os problemas relacionados à transcrição, transliteração e interpretação dos textos aljamiados estão distantes de soluções.

Teyssier (1977: 183) analisa apenas as aljamias em caracteres arábicos, apontando um problema também presente nas aljamias em caracteres hebraicos: "Pour transcrire certains phonèmes portugais l'alphabet arabe est donc d'une pauvreté désolante, alors que pour certains autres il est surabondant".[10]

A transcrição dos caracteres hebraicos para os latinos do *De magia*, como pôde ser visto, apresenta problemas complexos que requerem análises do português da época e comparações com este, além da análise da escrita hebraica da época. As informações etimológicas, por exemplo, servem de apoio para a representação adequada dos sons e, em especial, das vogais.

1.1 Classificação da escrita

Havia dois tipos básicos de modo de escrita medieval judaica: a escrita quadrada e a não-quadrada. Esta última se apresentava de duas formas: semicursiva ou média.[11] Assim, há três gradações na escrita: a quadrada, a semicursiva e a cursiva. Beit-Arié (2003: 68) define *modo* como "not the regional or temporal style of the Hebrew script but to generic manner of its execution selected by users of each type of script".[12] Para Bernheimer (1924: 19), os tipos diferentes de escrita hebraica "non sono determinabili sulla scorta di norme precise e stabili, il che è quanto dire che in alcuni casi il giudizio può essere incerto e quindi diverso".[13] Este autor estabelece, em seguida, o critério da forma dos caracteres, deixando de lado a dimensão do caractere.

---

[10] Tradução nossa: "Assim, para transcrever certos fonemas portugueses, o alfabeto arábico é de uma pobreza desoladora, enquanto, para outros, ele é superabundante".

[11] Alguns autores empregam o termo *rabínico*, criado pelos hebraístas cristãos no século XVI, considerado inadequado por Beit-Arié (2003: 68). O termo não será utilizado aqui, sendo sempre substituído por *semicursiva*, mesmo que tenha sido o empregado pelos autores citados.

[12] Tradução nossa: "não o estilo regional ou temporal da escrita hebraica, mas a maneira genérica da sua execução pelos usuários de cada tipo de escrita".

[13] Tradução nossa:[Os tipos diferentes de escrita hebraica] "não são determinados levando-se em conta normas precisas e estáveis. Por isso, em alguns casos, o julgamento pode ser

Não se sabe quais os critérios utilizados para tal classificação, mas May (1994: 381) classifica os caracteres do *De magia* como hebraicos sefarditas semicursivos. González Llubera (1952: 267) afirma que a escrita é semicursiva espanhola, típica do século 15. González Llubera (1952), que também analisou o manuscrito, não faz qualquer comentário relativo à mudança de punho a partir do fólio 85*r*, mesmo não havendo dúvida quanto a essa mudança. No entanto, é provável que o autor se refira ao primeiro punho, porque o compara com aquele do *Ms. Laud Or. 310*, muito próximo ao do *De magia*, como se verificou pessoalmente na Bodleian Library.

Alguns caracteres do *De magia* assemelham-se mais aos caracteres que Bernheimer (1924) aponta como cursivos do que aos caracteres denominados por ele de semicursivos. Quando se comparam os caracteres do *De magia* com os modelos apresentados por este autor nas páginas 21 a 24, a maioria dos caracteres tratados aproxima-se mais dos cursivos (*álef*, *guímel*, *tet*, *samech*, *tsadik*, *sin*). Porém, ao se compararem os caracteres do *De magia* com os caracteres do *corpus* completo utilizado por Bernheimer (1924, cap. 2), começa-se a acreditar, novamente, que a escrita do códice estudado é semicursiva. A diferença entre as duas escritas é, na verdade, bastante tênue. O *álef*, por exemplo, não se assemelha a nenhum dos nove exemplos de escrita semicursiva. Aproxima-se, no entanto, de três exemplos de cursiva apontados por esse autor.

Ao se compararem os grafemas do *De magia* com o *Quadro de Alfabetos* de Kautzsch (1985), que apresenta as diversas formas dos grafemas do hebraico, a maioria deles está em conformidade com o alfabeto semicursivo espanhol do século 15. No entanto, encontram-se também algumas semelhanças com outros alfabetos, principalmente com o alfabeto cursivo oriental.

Conclusão: apesar de ligeiras discrepâncias apontadas ao longo desta seção, o *De magia* estaria, então, redigido em escrita semicursiva do século 15, o que não é surpresa, já que 75% dos textos medievais datados se encontram com essa escrita[14] (Beit-Arié, 2003: 74).

---

incerto e portanto diverso".

[14] A cursiva foi encontrada em apenas 3% dos textos.

2. A REPRESENTAÇÃO GRAFEMÁTICA DO *DE MAGIA*

Os textos ibérico-românicos escritos em caracteres hebraicos representam sistemas independentes, e não meros calcos do sistema românico. Revelam uma estrutura própria, além de um individualismo tipológico. Para sua compreensão, é necessário partir de suas características de origem, tal como se apresentam para textos hebraicos (Hegyi, 1981). Assim, serão apresentadas algumas características do hebraico, de interesse imediato para este estudo, para que, logo em seguida, sejam expostos os grafemas do *De magia*.

2.1 O hebraico

O hebraico é uma língua semítica, cujo alfabeto é composto de 22 consoantes,[15] sempre escritas da direita para a esquerda. *Kaf* (כ), *mem* (מ), *nun* (נ), *pei* (פ) e *tsadik* (צ) apresentam formas diferentes em final de palavra (ם ך , ן, , ף ,ץ, respectivamente). Com exceção do *mem*, as demais letras apresentam uma cauda descendente, ao invés de terminar na horizontal. As letras *bet* (ב), *guímel* (ג), *dálet* (ד), *kaf* (כ), *pei* (פ) e *tet* (ט) representam dois sons, o oclusivo e o aspirado. Na escrita, o som oclusivo é representado por um ponto, o *daguesh qal*: ט פ כ ד ג ב (Greenberg, 1965). Estes sons se tornam aspirados, geralmente, depois de uma vogal.

Sampson (1996) pensa que a mais importante característica estrutural das línguas semíticas é a existência de grafes para as consoantes, mas nenhum para as vogais. Pressupõe-se que os grafes semíticos foram criados de acordo com o princípio acrofônico: atribuição ao desenho ou ao ideograma de um objeto do valor fonético da letra ou da sílaba inicial do nome desse objeto. Todas as palavras das línguas semíticas começam por consoantes. As palavras iniciadas por sons que soam como vogal são percebidas pelos falantes nativos como se estivessem sendo iniciadas por uma oclusiva glotal.

A distinção entre vogais reduzidas e plenas quase nunca é contrastiva. As alternâncias entre as vogais dependem do acento tônico. Esta é uma das razões pelas quais um sistema gráfico que incluísse as vogais seria relativamente

[15] *Álef, bet, guímel, dálet, hei, vav, zain, het, tet, yud, kaf, lámed, mem, nun, samech, ain, pei, tsadik, kuf, resh, sin, tav.*

pouco atraente para o hebraico: poucas famílias de palavras manteriam uma forma ortográfica constante. Para Sampson (1996: 89),

> o fato mais importante quanto às vogais do hebraico e de outras línguas semíticas, bem como a principal razão pela qual é menos útil marcá-las na escrita dessas línguas do que nas indo-europeias, é que, em grande parte, os contrastes linguísticos realizados pelas vogais são mais gramaticais que lexicais. Isto significa que, mesmo se os contrastes não forem registrados pela escrita, eles poderão, em sua maioria, ser determinados a partir do contexto, e significa também que tendem a ser menos decisivos para os objetivos práticos da comunicação.

Tendo em vista o papel limitado das vogais como elementos distintivos nas línguas semíticas, uma escrita que indica apenas as consoantes não é, na prática, exorbitantemente ambígua para um usuário nativo da língua. Nos inícios do hebraico como língua escrita, não havia qualquer indicação das vogais. Entretanto, existem desvantagens quando as vogais são completamente ignoradas pela escrita, mesmo para uma língua semítica. Problemas decorrentes desse fator foram resolvidos em algumas línguas semíticas atribuindo-se a certas letras representando consoantes uma função dupla, o que as faz indicar também as vogais. As letras que funcionam dessa forma são chamadas de *matres lectionis*, "mães da leitura".

O uso das *matres*, no hebraico, foi evoluindo lentamente, à medida que os textos bíblicos eram registrados por diferentes escribas, de modo que é possível encontrar exceções a quase todas as afirmativas feitas sobre o assunto. No entanto, é possível estabelecer regras que são válidas para a grande maioria das palavras (Sampson, 1996: 92):

- Regra 1: As vogais breves e reduzidas são ignoradas
- Regra 2: Entre as vogais longas, /I, u/ são obrigatoriamente escritas com *yud* e *vav,* respectivamente
- Regra 3: As vogais longas /e, o/ podem ser opcionalmente escritas com *yud* e *vav,* respectivamente
- Regra 4: Como a consoante /h/ quase nunca ocorre em final de palavra no hebraico, ela funciona de maneira inequívoca como *mater* nessa posição, sendo usada para indicar a vogal longa não indicada por yud ou *vav,* ou seja, /a/ longa. A escrita de /a/ longa, em final de palavra, como <h> é obrigatória, constitui-se em caso especial da regra seguinte

– Regra 5: As vogais em final de palavra devem ser indicadas por uma *mater*. Esta regra anula a Regra 1. Como é muito comum que uma palavra termine em consoante, sem a Regra 5 o leitor poderá não notar toda uma sílaba

O sistema de *matres* só resolve algumas ambiguidades gráficas com a introdução de outras. No geral, a chamada escrita *plena* – a escrita com *matres* – é menos opaca, em termos fonológicos, que a escrita sem *matres*, mais ainda conserva muitas ambiguidades. Entretanto, os usuários da escrita hebraica nunca sentiram a necessidade de adotar um sistema fonográfico mais completo para seus objetivos ordinários.[16] O leitor da prosa hebraica comum identifica as palavras usando as informações fornecidas pelas consoantes, sua compreensão do assunto e seu conhecimento dos padrões morfológicos e sintáticos característicos da língua. Já nos primeiros tempos da escrita hebraica, eram deixados espaços entre as palavras, o que mostra a necessidade do leitor de reconhecer os padrões das palavras. Assim, em contraste com sistemas gráficos compostos de consoantes e vogais, os mais comuns das línguas europeias, a escrita hebraica é bastante desprovida de redundâncias.

2.2 A aljamia

Ao se iniciar a transposição dos caracteres hebraicos em latinos do *De magia*, surgiu a questão se o resultado deveria ser denominado uma transcrição ou uma transliteração. O termo preferido foi *transcrição*, seguindo os passos de Busse (2005) e Lázaro Carreter (1990). Para eles, o termo *transcrição* é o mais adequado para a transposição dos textos aljamiados, pois não se está fazendo uma representação letra por letra, o que seria o caso na transliteração. Veja-se exemplo retirado de Minervini (1992),[17] que também serviu de incentivo para denominar a edição como uma transcrição:

Transcrição: *i bebran cada unu su vasu i laben las manos e diran [...]*
Transliteração: *î bêbĕrā´n qādā´ûnû šû wā´šû ´î la´bên lāš mā´nôš ´ê dîrā´n [...]*

[16] Os textos sagrados, os livros infantis e a poesia são os únicos materiais escritos normalmente com o sistema de pontuação, estabelecido nos séculos IX e X.

[17] Texto número 5, p. 156, v. I e p. 19, v. II.

A transcrição criteriosa do texto aljamiado é uma árdua tarefa para o mais paciente dos linguistas. Também a leitura é outro grande desafio para qualquer usuário de outra língua que não seja o português arcaico coetâneo ao *De magia*. Como afirma Hegyi (1981: 93),

> [...] los sistemas alfabéticos no parecen intentar la transcripción fiel y completa del sistema fonológico de una determinada lengua, sino que más bien se limitan a representar subsistemas seleccionados del sistema fonológico completo. Así, en vez de transcripciones exactas, sería más acertado hablar de diversas interpretaciones grafemáticas de la lengua. Cada sistema de escritura tiene, por conseguiente, una estructura propia que determina sus potencialidades inherentes, y predestina, en cierto modo, su desarollo en nuevas aplicaciones. En la transposición a otra lengua, las idiosincrasias del modelo original imprimen su sello al nuevo sistema grafemático, pese a los reajustes inevitables y las originalidades innovadoras de los adaptadores.[18]

Para a transformação em caracteres latinos de cada vocábulo, utilizou-se como referência a edição da *Crónica Geral de Espanha* (CGE), de 1344. Originalmente em castelhano, a tradução da CGE é uma encomenda feita por Dom Dinis. Esse texto em português arcaico tem Lisboa como origem e é composto de 857 capítulos, podendo ser encontrada no site <http://cipm.fcsh.unl.pt>, sob a responsabilidade de uma equipe do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. O texto da *Crónica Geral de Espanha* do CIPM tem Cintra (1951) como fonte. Maia (1986) também foi referencial constante para a transcrição do códice, assim como Mattos e Silva (1991) e Teyssier (1997). Quando o vocábulo não se encontrava na CGE, foram utilizados o *Vocabulário do Português Medieval* (VPM), Cunha (2001) e Houaiss; Villar; Franco (2001), nessa ordem. Os dicionários de espanhol da RAE (1992) e o de Moliner (1984) também foram consultados, já que alguns vocábulos estão em espanhol.

---

[18] Tradução nossa: "os sistemas alfabéticos não parecem objetivar a transcrição fiel e completa do sistema fonológico de uma determinada língua, mas tão-somente se limitam a representar subsistemas selecionados do sistema fonológico completo. Assim, ao invés de transcrições exatas, seria melhor falar de diversas interpretações grafemáticas da língua. Cada sistema de escrita tem, consequentemente, uma estrutura própria que determina suas potencialidades inerentes e predestina, de certa forma, seu desenvolvimento em novas aplicações. No momento da transposição para outra língua, as idiossincrasias do modelo original imprimem sua marca ao novo sistema grafemático, apesar dos reajustes inevitáveis e das originalidades inovadoras dos adaptadores."

Quando, na CGE, havia duas ou mais variantes de um mesmo vocábulo, a mais frequente era a selecionada para servir como modelo para a reconstituição dos vocábulos do *De magia*. Em nenhum momento, no entanto, as características dos vocábulos do *De magia* foram anuladas. Assim, caso a grafia do *De magia* diferisse daquela da CGE, a forma desse último servia apenas de guia.

A ferramenta utilizada para extrair e sistematizar as informações do texto foi a versão *3.0* do programa *WordSmith Tools*, publicado pela Oxford University Press desde 1996.[19] Aqui, foi utilizada a ferramenta *Concord*, que faz busca de vocábulos ou partes deles, apresentando, ao final da busca, uma listagem em ordem alfabética de todas as ocorrências encontradas, em seus devidos contextos.

2.3 Grafemas simples

A exemplificação dos grafemas será feita através da forma reconstituída, conforme explicado acima, do vocábulo do *De magia* em caracteres latinos, seguida da(s) forma(s) do vocábulo na CGE. Será dada a localização apenas da primeira ocorrência do vocábulo na CGE, e apenas de uma ocorrência no *De magia*. Após cada exemplo da CGE, aparecerá, entre parênteses, o capítulo seguido do fólio onde ele se encontra. No caso do *De magia*, virá o fólio seguido da linha.

Deve ser observado que, assim como no hebraico, no *De magia* não existe a oposição grafema maiúsculo/minúsculo e nem letras geminadas. Para a análise a seguir, pressupõe-se que o leitor não conhece o alfabeto hebraico. Algumas observações se fazem necessárias:

- A ordem dos grafemas apresentada é a do alfabeto hebraico;
- O diacrítico sobreposto às letras, em hebraico, é chamado de *gueresh* (plural *guershayim*); em judeu-espanhol, é chamado de *varika* ('varinha');
- Dois grafemas servem apenas para representar números (cf. Quadro 2);

[19] O programa apresentou várias limitações, em especial as relativas aos diacríticos, sendo recomendado com restrições para trabalhos similares.

- No alfabeto hebraico, cinco letras têm formas diferentes em final de palavra: *kaf, mem, nun, pei* e *tsadik*. No *De magia*, apenas o *nun* apareceu, além da forma padrão, sob a forma final; as demais letras apresentam-se apenas sob a forma comum. O grafema que se apresenta à direita, quando em pares, é o *nun* final.

2.3.1 Grafemas que representam vogais

O que está sendo chamado aqui de vogais são, na verdade, grafemas consonantais na sua origem, empregados também como vogais no texto aljamiado. Toda sequência de letras em hebraico deve ser lida da direita para a esquerda.

(1) ***Álef***

No *De magia* (DM nas seções seguintes), o grafema *álef* aparece de duas maneiras. A primeira forma é a mais frequente delas; a segunda parece ser apenas uma forma mais arredondada da primeira, em que as duas hastes inferiores se aproximam e se tocam: Tem-se, assim, a impressão de que se trata de um círculo atravessado por um traço.

A transcrição do *álef* é feita de dois modos: <a> ou sem representação grafemática alguma:

– *Álef* transcrito como <a>. Exemplo:
CGE *as* (8-6d) → DM <as> (84*v*-2).
– *Álef* sem transcrição na edição.

Álef pode não ter representação fônica, sendo denominado aqui de silencioso. Kohring (1991: 107) prefere o termo "*álef* portador de vogal", que aparece no texto aljamiado nos seguintes casos:

(I) para introduzir as vogais em início de vocábulo

O *álef* está sempre presente diante de *vav* e *yud* simples em início de vocábulo e, de um modo geral, diante de *hei* final. Exemplo:

CGE *os* (1-1ª) → DM <os> (5*r*-3)

No caso de um vocábulo iniciado por um único *álef*, o *álef* silencioso não se aplica.

(II) para separar os dois sons de um encontro vocálico. Exemplo:

CGE *roubado* (352-132d) → DM <roubado> (84*v*-28)

A maioria dos encontros vocálicos apresenta um *álef* silencioso entre as vogais e as semivogais. No entanto, se a segunda vogal de um encontro vocálico for um *álef*, não haverá um outro para separá-lo, já que não há *álef* silencioso diante de outro *álef*.

(III) antes de vogal antecedida pelo prefixo *des*-.[20]

Há muita falta de consistência no uso do *álef* silencioso, não sendo possível transcrever este grafema com certeza absoluta, mesmo com a ajuda da CGE. Quando *álef* é silencioso, funciona diferentemente em relação a cada vogal e cada contexto.

(2) *Hei*

O grafema *hei* aparece, na grande maioria dos casos, em final de vocábulo e antecedido por *álef* silencioso. Sua transcrição é sempre <ą>. Exemplo:

CGE *a* (1-1ª) → DM <ą> (84*v*-24)

Foram encontradas poucas ocorrências de vocábulo com *hei* no meio ou iniciado por ele. Essa baixa frequência de *hei* no meio de vocábulo poderia levar a pensar que a única diferença entre *álef* e *hei* seria a posição no vocábulo. No entanto, alguns vocábulos que em português terminam em *a* apresentaram duas possíveis grafias, com *hei* e com *álef*. Assim, preferiu-se manter a diferenciação entre *hei* e *álef*. Apesar de o fenômeno não ter sido analisado com a profundidade que parece necessária, espera-se, em outra ocasião, poder fazê-lo.

---

[20] As ocorrências foram: <desejad<a>s> (11*r*-31); <desejar> (63*r*-8); <desentendemos> (58*r*-25); <deseredado> (15*v*-14); <desigual> (42*v*-21); <desonra> (14*r*-26; 22r-20; 26*v*-27; 36*r*-20; 49*r*-15; 76*r*-6); <desonradas> (58*v*-10) (2 ocorrências, trecho repetido); <desonrad<a>s> (58*v*-10); <desonrado> (76*r*-4); <desonras> (26*v*-6; 34*v*-13; 36*r*-20; 36*v*-4; 49*r*-15; 51*r*-25; 53*v*-14; 55*v*-15; 58*r*-24; 58*v*-9; 60*v*-28; 66*v*-2; 67*v*-23; 81*v*-9); <desonr<a>s> (74*v*-31; 77*v*-3); <desußelde(z)as> (70*v*-11). Kohring (1991: 108) aponta a presença do *álef* nesse contexto, também nas aljamias em judeu-espanhol.

(3) *Vav* vocálico

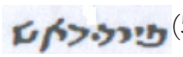
Nas aljamias hebraicas e no hebraico, o grafema *vav* pode ser tanto consonantal quanto vocálico. No *De magia*, na grande maioria dos casos, quando *vav* é vocálico, vem antecedido por *álef*; é transcrito como <u> ou <o>. Exemplo: CGE *con* (1-1ª) → DM <con> (84*v*-5)

Foram encontradas algumas ocorrências de dois *vav* em início de vocábulo.[21] Também foram encontradas três ocorrências de *vav* que foi representado por <u>, mesmo não estando antecedido por *álef* silencioso: <causa> (1*r*-11); <causara> (6*r*-20; 7*v*-1). Esses vocábulos assemelham-se, nesse aspecto, às formas encontradas por Maia (1997: 425) na Galícia. No entanto, tal fenômeno grafemático não se encontra representado na CGE, levando a transcrever estes vocábulos com <u>.

A possibilidade de o *vav* ser empregado tanto para representar <u> quanto <o> é um grande problema da vocalização linear. Como afirma Kohring (1991: 8), "o processo de vocalização linear nada mais oferece do que uma indicação para a vogal longa correspondente". Um leitor que não conheça o vocábulo específico com *vav,* não tem pistas grafemáticas que indiquem se se deve entender o *vav* como <o> ou <u>.

Assim, em relação à aljamia, é difícil de se fazer qualquer afirmação categórica em relação a esse aspecto: há que se conhecer a palavra, o que não era um problema para um usuário nativo do português do texto, mas o é para os usuários do português do século 21.

(4) *Yud* simples

Yud simples apresenta o mesmo problema do *vav,* conforme a seção anterior: nos textos aljamiados, pode ser transcrito tanto como <i> quanto como <e> (Bunis, 1975: 5, Kohring, 1991: 8, Minervini, 1992: 15). O leitor necessita conhecer o vocábulo. Exemplo: CGE *perdidas* (81-32d) → <perdidas>  (52*r*-7)

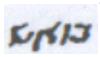
---

[21] As ocorrências foram: <vontade> (2v-5; 2v-10; 75r-29; 77v-16); <voan> (2v-27); <desvontarados> (9v-29); <voontade> (12v-13); <voluntayr<a>s> (12v-19); <vosalos> (52r-10); <vodas> (52r-12); <avorença> (60r-18); <(voy)> (79v-18); <voazamento> (80v-9); <vuazios> (9v-29).

2.3.2 Grafemas que representam consoantes

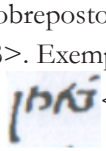
(1) *Bet*

Bet é sempre representado por <b>. Exemplo:

CGE *boas* (8-6d) → DM  <boas> (52*r*-10)

(2) *Vet* (*Bet* com diacrítico)

Bet com um diacrítico sobreposto, que pode ser um risco ou um ponto, é sempre representado por <β>. Exemplo:

CGE varon (197-78b) → DM  < βaron> (51*v*-18)

(3) *Guímel*

Guímel é transcrito de duas formas diferentes:

– <g> diante de <a> (*álef*), <o, u> (vav vocálico) e <r> (*resh*)
Exemplo: CGE *segunda* (3-2b) → DM <segunda> (69*v*-4)

– <gu> diante de <e, i> (*yud* simples)
Exemplo: CGE *guerras* (4-3c) → DM <gueras> (62*r*-29)

Ao contrário dos textos não aljamiados em português, o grafema *vav,* no *De magia*, sempre tem representação no plano fonológico, não sendo um grafema vazio, como em palavras como *preguiça* e *cheguem* (CGE, 1-1ª). Isso porque o fonema /g/ é sempre representado por um único grafema, *guímel*, e nunca um dígrafo, como é o caso do português, tanto medieval quanto moderno, em que pode ser empregado *gu* diante de *e* e *i* (Maia, 1997: 437).[22] Porém, para não causar estranhamento ao leitor do português, já habituado com o uso de *g* diante de *a, o, u* e g*u* diante de *e, i,* decidiu-se pela mesma regra para a transcrição do *De magia* (Atente-se para a ausência do *vav* depois de *guímel* nos exemplos da aljamia).

Foram encontrados, contudo, alguns casos em que o <u> não "deveria" existir, podendo se tratar de um fenômeno de ultracorreção gráfica:[23] <guados>

---

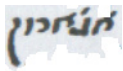
[22] Não há diferença no caso de /k/: é sempre representado por um único grafema, *kuf*, e nunca por un dígrafo como *qu* diante de *e* e *i* (Ver seção referente ao *kuf*.)

[23] Fenômeno semelhante foi verificado por Maia (1986: 437) nos documentos em galego-português por ela estudados.

(22*v*-12); <preguamentos> (68*r*-17); <guançar> (15*v*-14) e todos os seus derivados (<guanço> (44*r*-4), <guançoso> (59v-5), etc); <guanhar> (12*v*-17, etc) e todos os seus derivados (<guanhadores> (79*r*-24); <guanhado> (80*v*-6), etc.)

(4) *Guímel* com diacrítico

O grafema *guímel* com diacrítico do *De magia* é transcrito de três modos, tendo-se como parâmetro de transcrição a CGE:

– <ch>
Exemplo: CGE *acharon* (1-1ª) → DM  <acharon> (9*r*-20)

– <j> diante de <a, o, u> (*álef* e *vav* vocálico)
Exemplo: CGE jogos (7-6c) → DM <jogos> (6*v*-5)

– <g> diante de <e, i> (yud simples)
Exemplo: CGE *gentes* (22-13b) → DM <gentes> (52*r*-9)

Em relação a estes grafemas, o sistema da aljamia é bastante opaco, por apresentar três possibilidades de transcrição para um único grafema.[24]

(5) *Dálet*

O grafema *dálet* é sempre transcrito como <d>. Exemplo:
CGE *de* (1-1ª) → DM <de> (31*r*-9)

(6) *Dálet* com diacrítico

Dálet aparece também com um traço transversal para a direita ou um ponto acima dele, sendo transcrito como <đ>. Exemplo:
CGE *desave~tuira* (422-173ª) → DM < đesaventuras> (70*r*-4)

De um modo geral, os vocábulos em que o *dálet* aparece com um diacrítico sobreposto também existem no texto sem a presença do diacrítico.

---

[24] O problema é típico de toda aljamia, ou melhor, de qualquer sistema de escrita. Kohring (1991: 121) afirma, em relação ao *guímel* com diacrítico do judeu-espanhol, que "é impossível saber [...] se ג׳ deve ser lido como [ʧ] ou [ʤ], sendo a questão ainda mais complicada em textos mais antigos, nos quais ג׳ representa também o som [ʒ"..

(7) ***Vav* consonantal**

Vav consonantal do *De magia* é sempre representado por <v>. Grafematicamente, não apresenta nenhuma diferença em relação ao vocálico. Entretanto, distingui-los é muito simples em início de palavra: o *vav* vocálico, nesse contexto, sempre vem antecedido por um *álef* silencioso, ao contrário do consonantal. Exemplo:

CGE *vencer* (7-6c) → DM <vencer> (51*v*-24)

(8) ***Zain***

Zain será transcrito como <z>. Exemplo:

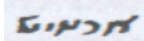
CGE *razon* (251-96ª) → DM <razon> (5*r*-12)

(9) ***Het* com diacrítico**

O grafema *het* ocorre no texto apenas duas vezes, com um ponto sobreposto, ambas representando o número oito (21r-17 e 21r-26). Assim, sua transcrição é <8>.

(10) ***Tet***

Tet é transcrito como <t>. Exemplo:

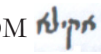
CGE *artes* (1-1b) → DM  <artes> (51*v*-28)

(11) ***Kaf* com diacrítico**

O grafema *kaf* ocorre no códice sempre com um ponto sobreposto, representando o numeral dois que inicia os números de 20 a 29 (ver exemplo na seção dos numerais). Assim, sua transcrição é sempre <2>.

(12) ***Lámed***

Lámed é sempre transcrito como <l>, quando não for seguido por *yud* duplo. Exemplo:

CGE *aquela* (3-2b) → DM  <aquela> (33*r*-2)

(13) ***Mem***

Mem será sempre representado por <m>. Exemplo:

CGE *mares* (3-2c) → DM <mares> (51*v*-3)

O texto não apresentou nenhum vocábulo terminado em <m>, inexistindo, consequentemente, o *mem* na sua forma final.

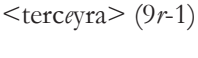
(14) *Nun* נ e *nun* final ן

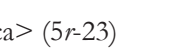
Nun apresenta-se sob duas formas: נ, geralmente no início e no meio dos vocábulos e ן, geralmente no final de vocábulos. *Nun* foi o único grafema que apresentou o alógrafo de final de vocábulo, mas ambos são representados por <n>.

Exemplo: CGE *non* (1-1a) → DM <non> (69*v*-4)

(15) *Samech* ס

Samech é sempre transcrito de duas formas:

– <c>, diante de <y>, <i> e <e> (*yud* duplo e simples). Exemplo:
CGE *terceira* (11-8b) → DM  <terc*e*yra> (9*r*-1)

– <ç>, nos demais contextos, inclusive em final absoluto de sílaba ou vocábulo. Exemplo:
CGE *força* (3-2c) → DM  <força> (5*r*-23)

(16) *Ain* ע

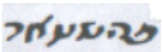
O grafema *ain* foi encontrado apenas uma vez, sendo transcrito como *álef*, isto é, <a>, iniciando o nome próprio <ali ab<e>n ravdan>: <ali> (21*v*-9).

Bunis (1975) afirma, em relação ao judeu-espanhol, que o *ain* é empregado apenas em vocábulos de origem hebraico-aramaica ou em empréstimos do árabe e do turco, o que justifica a única ocorrência no *De magia*. Usualmente sem representação fônica em hebraico moderno, é primariamente um som gutural. Minervini (1992: 26), nos 26 textos aljamiados (judeu-espanhol[25] em caracteres hebraicos) estudados, encontrou uma única ocorrência de *ain* no vocábulo *al´[a]nb[a]r*, transcrito pela autora como < >.

[25] No original: "varietà linguistiche parlate dagli Ebrei durante il medioevo in Castiglia e Aragon". (p. 9). (Tradução nossa: "variedade linguística falada pelos judeus durante a Idade Média em Castela e Aragão".)

(17) ***Pei***

Pei é transcrito como <p>. Exemplo:

CGE *prestar* (162-61c) → DM  <prestar> (51*v*-22)

No entanto, há vocábulos em que, no ponto em que se esperava um *pei*, há um *fei* (*pei* com diacrítico, ver próxima seção). Ele será transcrito como <(p)>, sem indicação em nota de que se trata de um *fei*.

(18) ***Pei* com diacrítico (*Fei*)**

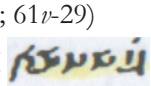
Fei, transcrito como <f>, aparece, geralmente, com um diacrítico sobreposto, que pode ser tanto um traço transversal quanto um ponto. Não é incomum o diacrítico encontrar-se sobre a letra seguinte ao *fei*, o que não será indicado na transcrição. Exemplo:

CGE *for* (193-76b) → DM <for> (31*r*-20)

No entanto, há vocábulos em que, no lugar em que se esperava um *fei*, há um *pei*. Em outros termos, a letra aparece sem diacrítico sobrescrito. Todos os vocábulos que aparecem com *fei* sem diacrítico também apresentaram ocorrência(s) de *fei* com diacrítico, o que justifica a decisão de transcrever *fei* sem diacrítico como <(f)>. Os parênteses, em todo caso, representam leitura duvidosa ou letra mal-traçada.

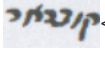
(19) ***Tsadik***

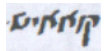
Grafema de baixíssima frequência, cuja transcricão é <Ç>. As dez ocorrências foram: <eÇtorlab> (14v-20; 15r-3); <justiÇas> (58r-11) e <justiÇa> (29*v*-2; 31*r*-26; 44*v*-21; 54*v*-8; 57*v*-18; 58*v*-17; 61*v*-29)

Exemplo: CGE *justiça* (10-8ª) → DM  <justiÇa> (31*r*-26)

(20) ***Kuf***

O *kuf* feito pelo copista do texto principal do *De magia* será transcrito de três maneiras:

- <c> diante de <a, o, u, r, c> (*álef*, *vav* vocálico, *resh* e *samech*). Exemplo:
  CGE *cobrar* (1-2ª) → DM  <cobrar> (61*v*-31)
- <q> diante da sequência <ua>, em que estes dois os grafemas constam do texto aljamiado original. Exemplo:

CGE *quaaes* (1-1b) → DM  <quaaes> (52*r*-7)
- <qu> diante de <e, i> (*yud* simples), em que o grafema <u> não consta do texto aljamiado original. Exemplo:
CGE *querença* (186-71d) → DM <querencia> (37*v*-9)

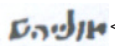
Kuf representa o fonema /k/. Este é sempre representado por esse único grafema e nunca um dígrafo, como é o caso do português, tanto medieval quanto moderno, em que se emprega *qu* diante de *e* e *i*. Mais uma vez, para diminuir o o estranhamento que poderia ser sentido pelo leitor, optou-se pela transcrição <qu> diante de <e, i>.

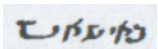
(21) ***Resh***

Resh aparece apenas sob a forma simples, não tendo sido encontrado nenhum caso de geminação gráfica.[26] Na grafia hebraica, nunca ocorre a geminação do *resh*. Assim, o escriba do *De magia* estaria seguindo a tradição hebraica. *Resh* é transcrito apenas por <r>. Exemplo:
CGE *mares* (3-2c) → DM <mares> (51*v*-31)

(22) ***Sin***

Sin, que nunca aparece geminado, é transcrito de duas maneiras, de acordo com a grafia encontrada na CGE:

- <s>. Exemplo:
CGE *molheres* (2-2ª) → DM  <molheres> (52*r*-3)

– <x>. Exemplo:
CGE *baixas* (420-172a) → DM  <baixas> (8*v*-25)

2.4 *Álef* e lámed em nexo

[26] Também nas aljamias em judeu-espanhol, *resh* é sempre grafado em sua forma simples (Kohring, 1991: 128). Apenas no século 20 é que se encontrará a grafia רר.

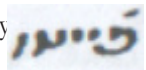
Segundo Lambert (1946: 8), este é o único nexo encontrado no hebraico da Idade Média.[27] O nexo acima é transcrito como <al>, da mesma maneira que se transcreve *álef* seguido de *lámed*, não havendo especificação em nota de rodapé: verificou-se que não há diferenças de uso entre eles. Em um mesmo contexto, o copista utiliza tanto um grafema quanto outro, mas preferencialmente o nexo. O <a> do nexo pode fazer ou não parte da mesma sílaba que <l>. Exemplo:
CGE *alegrias* (11-9a) → DM <alegrias> (52*r*-13)

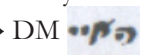
2.5 Dígrafos e trígrafos

(1) *Yud* duplo

O *yud* duplo é um dígrafo bastante problemático, pois pode ser transcrito de quatro modos: < y, *ey*, y*e,* ee>, sempre de acordo com a forma mais frequente encontrada na CGE. Nos casos de <*ey*> e <y*e*>, a vogal *e* não é representada graficamente no texto aljamiado. Por essa razão, nesses contextos, aparecerá sempre em itálico.

Exemplos:

- *yud* transcrito como <*e*y
CGE *feyto* (5-4c) → DM  <f*e*yto> (31*r*-27)

- *yud* transcrito como <y>:
CGE *rey* (1-1d) → DM  <rey> (8*v*-1)

Yud duplo transcrito como <ee> é muito pouco frequente, aparecendo apenas nos seguintes vocábulos:

<deeron> (9*r*-7, 8 (2), 9)

<baldameento> (26*v*-7)

<queer> (48*r*-28)

<meetade> (48*v*-11)

<dee> (82*v*-21)

[27] Bernheimer (1924: 92-95) indica outros nexos de menor frequência.

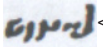
Para que o leitor saiba que se trata de um *yud* duplo, não confundindo com a sequência *yud* simples + *álef* + *yud* simples, será indicado em nota de rodapé.

Em geral, não há *álef* silencioso entre o *yud* duplo e o *vav* ou o *álef* que o precede ou que vem depois dele. Os casos que não seguirem a tendência geral, serão indicados em nota de rodapé.

Por outro lado, há sempre um *álef* silencioso entre o *yud* duplo e o *yud* simples, entre o *yud* duplo e outro *yud* duplo e entre o *yud* simples e o *yud* duplo. Evita-se, dessa forma, a sequência de três ou quatro *yud*s seguidos: "on évite d'accumuler le י [*yud*] dans un même mot [...]; on ne met pas à la suite [...] deux י"[28] (Lambert, 1946: 17).

Nos casos em que um *yud* duplo fizer parte de um encontro vocálico com *álef* ou *vav,* geralmente não haverá *álef* silencioso entre eles. Sempre haverá um *álef* entre o grafema *yud* simples e o dígrafo *yud* duplo, para evitar a sequência de três *yud*s.

(2) *Lámed* seguido de *yud* duplo

Trígrafo também problemático, por apresentar seis possíveis transcrições – <lh, lh*e*, lh*i,* lh*ei,* ly, l*e*y> –, com a possibilidade de <i, e, y> não serem grafados. Há que saber o vocábulo porque não há pistas grafemáticas que ajudem o leitor a decidir pelas várias possibilidades de interpretação do trígrafo. Exemplo: CGE *leitos* (371-144ª) → DM 
<l*e*ytos> (31*r*-4)

(3) *Nun* seguido de duplo

Nun seguido imediatamente por *yud* duplo é um trígrafo polivalente como o *lámed* seguido de *yud* duplo. Suas representações grafemáticas na transcrição são <nh, nh*e*, n*e*y, nh*ei*, ny>. Mais uma vez, não há qualquer tipo de pista grafemática para auxiliar o leitor na decodificação do vocábulo, sendo a CGE o guia para reconstruir o vocábulo.

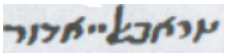
Exemplo: CGE *senhorio* (6-5c) → DM
<senhorio> (52*r*-9)

---

[28] Tradução nossa: [Em hebraico,] "evita-se acumular o *yud* em uma mesma palavra; não se coloca seguidamente dois *yud*s".

(4) *Álef* e *lámed* em nexo seguidos de *yud* duplo

A sequência de grafemas composta de *álef* e *lámed* em nexo seguidos de *yud* duplo, é transcrita de três maneiras: <alh, alh*e,* alh*ei*>. Exemplo:

CGE *trabalhador* (691-190v) → DM  <trabalhador> (7*r*-30)

Não há diferenciação entre a transcrição deste trígafo e *álef* seguido de *lámed* e *yud* duplo, já que não há diferenças de uso entre eles.

3 SINAIS DIACRÍTICOS

Vários são os sinais e marcas encontrados no *De magia*. Em muitos dos casos, mesmo com o manuscrito original em mãos, é difícil identificar com segurança se foram feitos pelo copista ou por outro punho. Ademais, o uso dos sinais é irregular, como já observado por Huber (1986) em relação aos manuscritos antigos de um modo geral. Os sinais diacríticos encontrados na seção analisada do *De magia* que poderiam ter sido feitos pelo próprio copista, seriam os seguintes (ver também seção 7):

- um ponto acima do grafema

Diacrítico que aparece acima de grafemas variados, em contextos variados. Assim, não foi possível chegar a nenhuma conclusão em relação ao seu significado.

- dois pontos paralelos acima do vocábulo

Diacrítico que aparece acima de grafemas e vocábulos variados, em contextos também variados. Teriam sido eles feitos por um punho diferente do copista? Não foi possível chegar a alguma conclusão em relação ao seu significado, mas alguns casos pareciam indicar anulação do vocábulo.

4. SINAIS DE VALOR NUMÉRICO

Os valores numéricos dos grafemas do alfabeto hebraico nos textos aljamiados em judeu-espanhol são (Bunis, 1999: 223):

א *álef* = 1 ה *hei* = 5 ט *tet* = 9

ב *bet* = 2	ו *vav* = 6	י *yud* = 10
ג *guímel* = 3	ז *zain* = 7	
ד *dálet* = 4	ח *het* = 8	

As formas compostas são:

11 = אי	14 = די	17 = זי
12 = בי	15 = וט	18 = חי
13 = גי	16 = זט	19 = טי

O numeral 15 é representado através das somatórias 9 + 6 e o 16 através de 9 + 7, para se evitar a escrita de uma das abreviaturas do tetragrama YHVH, que se refere ao nome de Deus, formado pelas consoantes *yud* י *hei* ה *vav* ו *hei* ה (*Encyclopaedia Judaica*, 1971, v. 2: 743).

Em seguida, tem-se:

כ *kaf* = 20	נ *nun* = 50	פ *pei* = 80	יק = 110
ל *lámed* = 30	ס *samech* = 60	צ *tsadik* = 90	etc.
מ *mem* = 40	ע *ain* = 70	ק *kuf* = 100	

No *De magia*, fazendo-se um paralelo com o citado acima, encontraram-se os seguintes números escritos com sinais de valor numérico (e não por extenso):

QUADRO 1 – NUMERAIS

Valor numérico e transcrição	Escrita quadrada	Localização (fólio, face-linha)
1	א	21*r*-30
2	ב	21*r* -30
3	ג	21*r* -11; 21*r*-23; 21*r*-23; 21*r*-24
4	ד	8*v*-13; 8*v*-17; 21*r*-6; 21*r*-11; 21*r*-17; 21*r*-30; 21*v*-6; 21*v*-9; 21*v*-19
5	ה	21*r*-17; 21*r*-25
6	ו	20*v*-5; 21*r*-11; 21*r*-25; 21*r*-30; 33*r*-14
7	ז	21*r*-26; 33*r*-14; 33*r*-14
8	ח	21*r*-17; 21*r*-26
9	ט	20*v*-10; 21*r*-11; 21*r*-26

10	י	21*r*-27
11	אי	20*v*-18; 21*r*-27; 21*v*-27; 21*v*-29
12	בי	8*v*-5; 8*v*-12; 14*v*-8; 21*r*-11; 21*r*-27; 46*r*-6; 46*r*-6
1(3)	(גי)	5*v*-13
15	וט	9*r*-24; 9*r*-27
16	וי	10*r*-27; 10*v*-9
19	טי	9*r*-25
21	אכ	33*r*-10; 33*r*-11; 34r-31; 35*v*-3; 46*r*-8
(27)	זכ	9*r*-26
28	חכ	9*r*-25
35	הל	33*r*-12; 33*r*-13; 46*r*-20; 47*v*-13
41	אמ	50*v*-17
42	במ	33*r*-11; 33*r*-13
45	המ	48*v*-7
112	ביק	33*r*-14; 33*r*-15
120	כק	33*r*-9; 33*r*-15; 33*r*-16; 46*r*-5; 48*v*-9
1(3)<<5>>	הלק	48*v*-9
150	נק	48*v*-10
172	בעק	5*r*-30
180	פק	48*v*-11

Em todos os casos, os grafemas com valor numérico apresentam-se com um ponto ou mais pontos ou um traço sobreposto, em geral na horizontal.

Het e *kaf* são os dois únicos grafemas que representam exclusivamente sinais de valor numérico, não compondo vocábulos:

Quadro 2 – Grafemas que representam exclusivamente numerais

Nome	Escrita quadrada	Grafema no De magia	Transcrição	Exemplos
Het com diacrítico	ח׳		<8>	<8> (21r-26)
Kaf com diacrítico	כ׳		<20>	<21> (33r-10)

5. SINAIS DE PONTUAÇÃO

Os sinais de pontuação empregados pelo copista do *De magia* são ponto medial (61*v*-6), transcrito como < · >, e os dois pontos verticais (84*v*-8), transcritos como < : >. Será necessária, no futuro, uma análise sobre suas funções.

6. SINAIS DE CORREÇÃO E ANULAÇÃO

Os sinais encontrados na seção analisada do *De magia* que poderiam ter sido feitos pelo próprio copista, seriam os seguintes:

- ponto acima e abaixo do grafema

De uma maneira geral, um grafema com um ponto acima e outro abaixo dele indica sua anulação. É frequente também que, além dos pontos, o grafema se encontre também riscado. Exemplo:

(52*r*-27)

- Os parênteses < ( ) > são utilizados para suprimir um vocábulo ou um conjunto deles, considerados erros pelo próprio copista. Exemplo:

(84*v*-2)

Quando o trecho começa em uma linha e termina na outra, é comum não haver o parêntese <) >, que fecha os primeiros parênteses. Exemplo: <e se o sol for en boon espeyto deles adebdan (roubos / (e perdid<a>s e perdimento)> (62*v*-4,5).

CONCLUSÃO

Apresentou-se aqui o primeiro – e até o presente único – conjunto de normas para a transcrição do português arcaico do século 15 dos caracteres hebraicos para os latinos. Separaram-se os grafemas simples dos dígrafos, trígrafos e nexos. Distinguiram-se as vogais das consoantes, sendo confirmada a presença de todos os caracteres hebraicos, exceto o *tav*. A explicitação do

sistema grafemático desse manuscrito aljamiado deverá servir de base para a transcrição de centenas, se não forem milhares, de textos portugueses medievais inéditos, contribuindo diretamente para a Linguística histórica, a Filologia, a Crítica textual e os Estudos medievais e judaicos.

BIBLIOGRAFIA

BEIT-ARIÉ, M. M. 1972. Les premiers résultats codicologiques de l'enquête sur les manuscripts hébreux médiévaux. In : COLLOQUES INTERNATIONAUX DU C.N.R.S., 547, 1972, Paris. *La paléographie hébraïque médiévale*. Paris: [s.n]. p. 45-50.

BEIT-ARIÉ, M. M. 2003. *Unveiled faces of Medieval Hebrew books*. Jerusalém: Magnes Press.

BEREZIN, R. 1995. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: Edusp.

BERNHEIMER, C. 1924. *Paleografia ebraica*. Firenze: Leo S. Olschki.

BUNIS, D. 1975. *A guide to reading and writing Judezmo.* New York: Adelantre!.

BUNIS, D. 1999. *Judezmo:* an introduction to the language of the Sephardic Jews of the Ottoman Empire (em hebraico). Jerusalém: Magnes Press.

BUSSE, W. 2005. Rashí. Transliteración, transcripción y adaptación de textos aljamiados. *Neue Romania – Judenspanisch IX* 34. 97-107.

CARRETER, F. L. 1990. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Gredos.

CINTRA, L. F. L. (ed.) 1951. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: I.N.C.M. Disponível em: <http://cipm.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 7 dez. 2005.

COULMAS, F. (ed). 1999. *The Blackwell Encyclopedia of Writing Systems*. Blackwell Publishing. Blackwell Reference Online. Disponível em: <http://www.blackwellreference.com/public/book?id=g9780631214816_9780631214816>. Acesso em: 7 out. 2010.

CUNHA, A. G. da. 2001. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.* São Paulo: Nova Fronteira.

DUCHOWNY, A. T. 2007. *De magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library): edição e estudo*. 2007. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DUCHOWNY, A. T. 2010a. Astrologia e manuscritos medievais judaicos: interfaces. *Agália* 101. 35-55.

DUCHOWNY, A. T. 2010b. *De magia* (*Ms. Laud Or. 282*, Bodleian Library): descrição codicológica. *Caligrama*, p. 89-109. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/35>. Acesso em: 11 maio 2012.

ENCICLOPEDIA Judaica Castellana. 1950. México: Ed. Enciclopedia Judaica Castellana. v. 7 e 8.

ENCYCLOPAEDIA Judaica. 1971. Jerusalem: Keter. v. 3, 12, 16.

ESCOLAR, H. (dir.) 1993. *Los manuscritos españoles*. Madrid: Fundación Sanchéz Ruipérez/Pirámide.

GONZÁLEZ LLUBERA, I. 1952. Two old astrological texts in Hebrew characters. *Romance philology 6*. 267-272.

GREENBERG, M. 1965. *Introduction to Hebrew*. Prentice-Hall.

HEGYI, O. 1981. Reflejos del multiculturalismo medieval: los tres alfabetos para la notación del iberroromance. *Nueva Revista de Filología Española* 30. 92-103.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. 2001. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

HUBER, J. 1986. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Calouste Gulbenkian.

KAUTZSCH, E. (ed.) 1985. *Gesenius' Hebrew Grammar*. Oxford: Clarendon Press.

KOHRING, H. 1991. Judenspanisch in hebraischer schrift. *Neue Romania* 12. 95-170. (Tradução)

LAMBERT, M. 1946. *Traité de grammaire hébraïque*. Paris: PUF.

LOPES, D. 1897. *Textos em aljamía portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional.

MAIA, C. de A. 1986. *História do galego-português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian.

MATTOS E SILVA, R. V. 1991. *O português arcaico*: fonologia. São Paulo: Contexto.

MAY, R. A. 1994. *Catalogue of the Hebrew Manuscripts in the Bodleian Library:* supplement of addenda and corrigenda to vol. I (A. Neubauer's catalogue). Oxford: Clarendon.

MINERVINI, L. 1992. *Testi giudeospagnoli medievali*. Napoli: Liguori.

MOLINER, M. 1982. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. 1992. *Diccionario de la lengua española*. Madrid: RAE.

SAMPSON, G. 1996. *Sistemas de escrita*: tipologia, história e psicologia. São Paulo: Ática.

SIRAT, C. 2002. *Hebrew manuscripts of the Middle Ages*. Cambridge: CUP.

TEYSSIER, P. 1977. Les textes en 'aljamia' portugaise: ce qu'ils nous apprennent sur la prononciation du portugais au début du XVIe siècle. *Atti XIV Congreso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Napoli: Gaetano Macchiaroli, p.181-196.

TEYSSIER, P. 1997. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes.

De Magia (Ms. Laud Or. 282, Bodleian Library): graphemic representation and transcription

Abstract: Analysis of the writing in the codex *De magia* (Ms. *Laud Oriental* 282, Bodleian Library), an astrological guide written in the Portuguese language as aljamia, with Hebrew characters, and dated to the 15th Century. As well as a classification of the writing, this study analyses the manuscript's graphemic representation – simple graphemes, in nexus, digraphs and trigraphs, diacritics, number values, punctuation, corrections and cancellation marks – and proposes a coherent and detailed transcription system of Hebrew into Latin graphemes.

Keywords: aljamia; Textual Cristicism; Graphematics; manuscript; Archaic Portuguese; Writing System.

Recebido em: 12/10/10

Reenviado em: 22/04/12

Aprovado em: 06/05/2012